

**ETHOS E WUDE COMO FUNDAMENTAÇÃO DA ÉTICA MARCIAL:
EDUCAÇÃO DE SI MESMO**

Samuel Mendonça⁴

Marcelo Moreira Antunes⁵

Resumo

Este artigo pretende aproximar os termos *ethos* e *wude* no sentido de fundamentar a ética marcial e a prática das artes marciais na construção da educação de si mesmo. Para isso, realizamos uma análise comparativa entre duas perspectivas, a filosofia ocidental e pensamento chinês. Observa-se que ambos os termos estabelecem como ponto de partida o desenvolvimento da ética interna do homem antes mesmo de sua aplicação às questões sociais. Neste sentido, a questão que se pretende responder ao longo destas reflexões consiste em examinar o que fundamenta a ética marcial no ocidente? Ou, em outros termos, é possível fundamentar a ética marcial a partir do diálogo de termos de culturas distintas, neste caso, *ethos* e *wude*? Por ética marcial circunscreve-se a reflexão filosófica que coloca em relevo aspectos do pensamento oriental, neste caso, do pensamento chinês, dado que a prática da arte marcial chinesa, no Brasil, está em expansão (ANTUNES; MOURA, 2010). Esta ética marcial parece apontar para a educação de si mesmo (MENDONÇA, 2011), no sentido de que o protagonista desta ética busca, por meio de sua autocrítica e autossuperação, a sua excelência, o seu *aristós*. Os resultados alcançados quanto à fundamentação da ética marcial apontam para a realização do homem social de forma harmônica com o seu meio. Essa visão constrói a possibilidade do entendimento de um

⁴ Doutor em Filosofia da Educação (Unicamp). Coordenador do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da PUC Campinas. Presidente da Associação Latinoamericana de Filosofia da Educação – ALFE. Membro da International Network of Philosophers of Education e da Philosophy of Education Society. Email: samuelms@gmail.com

⁵ Doutorando em Educação Física (Unicamp). Docente da Prefeitura Municipal de Niteroi e do curso de graduação em Educação Física do Centro Universitário da Cidade, Rio de Janeiro.

homem integral edificado pela prática das artes marciais na perspectiva de uma ética interna, fundamentada no *ethos* e no *wude*.

Palavras-chave: *Ethos*, *wude*, ética marcial, educação de si mesmo.

ETHOS AND WUDE AS FOUNDATION OF THE MARCIAL ETHICS: EDUCATION OF ONESELF

Abstract

This article aims at bringing together the terms *ethos* and *wude* in order to justify martial ethics and the practice of martial arts for the education of oneself. Therein it proceeds to a comparative analysis between two perspectives, the western philosophy and the chinese thought. It is observed that both terms set as a starting point the development of man's internal ethics even before its application to social issues. In this sense, the question to be answered along these reflections consists of examining what underlies the martial ethics in the West? Or, in other words, is it possible to base the martial ethics on the dialogue of terms of different cultures, in this case, *ethos* and *wude*? Martial Ethics covers the philosophical reflection that highlights aspects of Eastern thought, in this case, the chinese thought, since the practice of chinese martial art, in Brazil, has been expanding (ANTUNES; MOURA, 2010). This martial ethics seems to point to the education of itself (MENDONÇA, 2011), in the sense that the protagonist of this ethic seeks, through his self-criticism and self overcoming, its excellence, its *aristós*. The results accomplished on the basis of martial ethics point to the realization of social man harmoniously with his environment. This view builds the possibility of full understanding of a whole man built by the martial arts practice in the perspective of an internal ethics, grounded in the *ethos* and the *wude*.

Keywords: Rationale, *ethos*, *wude*, martial ethics, education of itself.

Introdução

Discutir o conceito de ética é tarefa árdua na consideração das diferentes escolas filosóficas que a fundamentam. A delimitação ética marcial já sugere a possibilidade de compreensão de que existe uma ética que seja marcial e, no caso do presente artigo, refere-se à possibilidade de fundamentação desta ética por meio dos termos *ethos e wude* para a compreensão da educação de si mesmo.

Neste artigo, partiremos da definição do termo *ethos* no contexto do pensamento ocidental, assumindo a perspectiva de Heráclito de Éfeso (O Obscuro - *Skoteinós*) e incluiremos a possibilidade de definição de uma ética marcial exatamente na consideração deste autor que afirmou “o *ethos* é o *daimon* do homem” (MENDONÇA, 2003). Evidenciaremos que o *ethos* é base constitutiva da ética aristocrática que aponta para a educação de si mesmo. Em seguida, abordaremos o termo *wude* perpassando elementos fundamentais do taoísmo, confucionismo e budismo, tocando ainda nas contribuições de *Sun Tzu* para o pensamento chinês. Após esta construção de fundamentos tanto da filosofia como do pensamento chinês, analisaremos a possibilidade de fundamentação e construção de uma ética marcial a partir do *ethos* e *wude*, buscando, com isto, responder à pergunta formulada inicialmente, isto é, o que fundamenta a ética marcial no ocidente? Ou, de outra forma, é possível fundamentar a ética marcial a partir do diálogo de termos de culturas distintas, neste caso, *ethos* e *wude*?

É preciso esclarecer que não pretendemos tratar de conceitos de cultura diferentes, *ethos* e *wude*, de forma igualitária. O pensamento chinês se diferencia do pensamento grego⁶ e devemos levar em consideração que a nossa investigação tem como baliza teórica o logos ocidental; afinal, falamos a partir da racionalidade e isto dentro do contexto dos

⁶ A este respeito, recomenda-se o esclarecedor texto de Antonio Florentino Neto (2009) que discute algumas questões relativas à interpretação ocidental do pensamento oriental. É interessante observar que Jaspers (*apud*. FLORENTINO NETO, 2009) anuncia o início da filosofia oriental, diferente da acepção hegeliana de que os orientais não produziram propriamente filosofia. Florentino Neto enfatiza que “Jaspers supera a distinção entre ‘pensamento’ e ‘filosofia’ ao designar, pela primeira vez na história da filosofia alemã, Lao-Tsé como um dos grandes metafísicos da história da filosofia, colocando-o no mesmo patamar de Anaximandro, Heráclito, Parmênides e Espinosa” (FLORENTINO NETO, 2009, p. 53). Ainda é corrente no Brasil a acepção hegeliana de que o pensamento oriental se diferencia da filosofia e que diz respeito à uma forma ‘menor’ de elaboração humana, todavia, a contribuição de Florentino Neto (2009) é marcante por elucidar, no contexto da história da filosofia, outra interpretação para esta questão.

teóricos do ocidente⁷, Descartes e Kant, por exemplo. O estudo de elementos de outra cultura pode ser viável, com efeito, este cuidado conceitual e de contexto é fundamental para a segurança dos argumentos que serão aqui construídos. Este cuidado deve ser levado em consideração, pois como afirmam Burke e Hsia (2009) há uma tradução da cultura quando fazemos aproximações ou tentamos entender a cultura que nos é estranha. Ou ainda, essa tradução se estabelece quando diversas culturas se aproximam e convivem em um mesmo espaço e tempo. Portanto, a tradução da cultura se estabelece naturalmente quando nos empenhamos em entendê-la, e essa tradução é permeada de imperfeições, de adaptações. Por isso, a necessidade do rigor acadêmico quando objetivamos aproximar termos de culturas diferentes, e assumir inicialmente os riscos e os limites dessa empreitada.

É preciso esclarecer também que a busca de fundamentação para a ética marcial a partir do *ethos* não constitui-se de pleonasma; afinal, o entendimento da ética, grosso modo, distancia-se da formulação do efésio e, neste sentido, a retomada do pensamento deste filósofo poderá oferecer ocasião para compreensão da ética tal como temos na sociedade em que vivemos. Vejamos como o *ethos* constitui-se de baliza da ética aristocrática que aponta para a educação de si mesmo.

1 – *Ethos* como baliza da ética aristocrática

As discussões em torno da ética na filosofia, em sentido amplo, sinalizam para reflexões em torno da moral e, além disto, indicam a vida social e comunitária como fundamento da compreensão da ética. Todavia, em se tratando dos fragmentos de Heráclito, observamos outra conotação para a definição da ética. Neste caso, a ética passa a ser o desafio de superação do homem perante a sua própria vida. Em outros termos, não se insere, no contexto da ética heracliteana, a necessidade do outro, mas, foca-se o sujeito e a possibilidade de sua tomada de consciência no mundo, eis o sentido da ética aristocrática. A

⁷ René Descartes publicou *Discours de la Méthode*, em 1636, e revolucionou a nossa forma de pensar, colocando a dúvida no centro do racionalismo e sugerindo, neste sentido, que o pensamento científico deveria se sustentar no uso da razão e na busca da verdade. Kant, por sua vez, também influenciou muito o nosso pensamento, no contexto do iluminismo, colocando em relevo a importância da crítica, especialmente na obra *Kritik der reinen Vernunft*.

busca da excelência ou do que se tem de melhor, *aristós*, é o que fundamenta esta ética aristocrática (MENDONÇA, 2003). É nesta perspectiva que a expressão “o *ethos* é o *daimon* do homem” encontra eco, na medida em que o *ethos* atua como ponto mais alto da consciência do sujeito. Esta dimensão ética evidencia, em última instância, a educação de si mesmo, no sentido da busca de superação individual.

O fragmento de Heráclito “procurei-me a mim mesmo” (MENDONÇA, 2003, p. 306) sinaliza para esta busca do *ethos* na própria consciência, e é esta busca que fundamenta a ética aristocrática e, como consequência, a educação de si mesmo. A vida solitária justifica-se quando se tem no horizonte o desenvolvimento de uma vida ativa, dinâmica e sujeita a tensões. É neste sentido que a teoria deste filósofo sustenta-se na luta dos contrários, a partir da constatação de que na natureza tudo se faz por contrastes e é da luta dos contrários que nasce a mais bela harmonia (BORNHEIM, 1997).

Com efeito, não é pelo fato de que o *ethos* diz respeito ao ponto mais sublime da consciência do homem e que fundamenta a ética aristocrática que também irá fundamentar a ética marcial. Afinal, em que consiste a ética marcial? No próximo item, desenvolveremos a nossa compreensão da ética marcial com mais rigor, no entanto, adiantamos se tratar de uma espécie de ‘área’ do conhecimento estudada na China que tem como orientação as correntes de pensamento daquele povo. Mais do que isto, a ética marcial parece indicar a necessidade de fundamentação de uma reflexão mais cuidadosa do e sobre o artista marcial, compreendido aqui como artista, lutador ou *performer*.

O artista marcial vive a sua superação constante, seja no treinamento ou nas ações da vida humana, então, podemos destacar como elemento da vida deste artista o aspecto aristocrático, individual, da solidão em que vive. Assim, compreender o artista marcial por meio da busca de seu *ethos* é o que parece sustentar a ética marcial tal como a compreendemos.

É neste sentido que investigaremos, a partir de agora, alguns elementos de fundamentação do pensamento chinês, a partir da matriz da ética marcial. É preciso esclarecer que há muitas nuances das correntes que serão aqui abordadas e seria leviano propor um desenvolvimento exaustivo de cada corrente de forma aprofundada em um

artigo, mesmo assim, pretendemos apresentar aspectos que digam respeito à dimensão da ética marcial a fim de facilitar a aproximação *ethos* e *wude* que será feita posteriormente.

2 – Ética Marcial (*wude* - 武德)

A conduta em sociedade é sempre observada no sentido de colocar o indivíduo em harmonia com os demais membros de seu grupo social; aliás, a vida social implica neste cuidado que de certa maneira é coletivo. O clássico Aristóteles, por exemplo, em *Ética a Nicômaco*, evidencia que a justiça constitui-se da busca do justo meio termo nas ações dos cidadãos, então, o primeiro passo para que esta conduta seja harmoniosa é a consolidação da ética, compreendida como aquela que estabelece os limites entre o que se deve e o que não se deve fazer. Embora em contexto diferente, o pensamento do estagirita está presente também no que consideramos elementos de fundamentação da ética marcial; afinal, a ética marcial terá a justiça como uma de suas balizas.

Nas artes marciais chinesas, a ética é desenvolvida a partir de três eixos de pensamento. O taoísmo, o confucionismo e o budismo. Essas três doutrinas ou orientações de conduta fornecem elementos norteadores das ações éticas dos praticantes de artes marciais, cada uma com a sua contribuição. É certo que cada uma delas teve maior ou menor influência na constituição da ética marcial dependendo da época histórica e concomitantemente de seus governantes. De acordo com a história da civilização chinesa, a cada dinastia, a doutrina mais beneficiada era aquela que caía nas graças do imperador. Neste sentido, quando o imperador praticava o budismo, os templos budistas recebiam mais verbas e apoio para desenvolver as suas atividades. Isso ocorreu tanto para o taoísmo como para o confucionismo. Deste modo, de tempos em tempos a doutrina vigente dava a sua contribuição à formação ética e cultural do povo chinês, compondo um mosaico multifacetado de pensamentos oriundo das mais diversas origens. Como já anunciamos anteriormente, não se pretende aprofundar aspectos de cada doutrina, mas, diferente disto, apresentar elementos que evinciem a relevância deles para a compreensão da ética marcial. Neste sentido, iniciaremos com uma breve caracterização do Taoísmo.

2.1. Taoísmo

Para Chow e Spangler (1982), o taoísmo é uma das doutrinas mais antigas da China - já que o xamanismo ainda está presente naquele país, em regiões remotas ou entre as minorias étnicas - e que foi cunhado por meio dos séculos, baseando-se na observação da natureza para a construção de sua doutrina. *Lao Tzu (Laozi)* é considerado o seu mais significativo pensador que iniciou o processo de sistematização dos conhecimentos filosóficos do taoísmo.

Para entender o Taoísmo, é necessário entender o conceito chinês do *Tao (Dao)*. A palavra significa caminho ou estrada, mas não significa uma estrada tal como a concebemos e tampouco uma estrada que liga algo a algum lugar. O *Tao* diz respeito ao caminho da própria natureza. Por extensão, pode também significar método, princípio, ou doutrina, evidente que estas categorias têm sentidos determinados para nossa cultura ocidental e não necessariamente o que entendemos por método, princípio ou doutrina se aplica na apreensão destes termos para os chineses. Para os chineses, a harmonia e o funcionamento ordeiro que perceberam no universo, por meio do estudo dos astros, eram manifestações do *Tao*, uma espécie de vontade ou legislação divina que existe no universo e o regula, em outras palavras, em vez de acreditarem em um Deus criador, que controla o universo, eles atribuíram ao próprio Céu a causa de tudo.

Aplicando o conceito do *Tao* a assuntos humanos, os chineses acreditam que existe um modo natural e correto para realizar todas as coisas, e que tudo e todos têm seu devido lugar e sua devida função. Por exemplo, eles acreditam que, se o governante cumprisse seus deveres tratando o povo com justiça e cuidando dos rituais sacrificais pertinentes ao céu, haveria paz e prosperidade para a nação.

Similarmente, se as pessoas se dispusessem a buscar o caminho, ou o *Tao*, e o seguissem verdadeiramente, tudo seria harmonioso, pacífico e eficiente. Mas, se elas o contrariassem, ou lhe resistissem, o resultado seria o caos e o desastre. Esse seguir o caminho ou o *Tao* se manifesta pelas ações corretas que não contrariam o fluxo natural das coisas ou do universo. Isso se manifesta nas relações sociais as quais as pessoas estão

ligadas. Esse modo de viver é entendido por Yu (1991) como a manifestação do homem integral, equilibrado internamente e harmonioso em suas relações com o seu meio ambiente, natural e social. Este conceito de seguir o *Tao* e não interferir em seu fluxo é um componente central do pensamento filosófico e religioso chinês (GRANET, 1997). Esta breve exposição de elementos do taoísmo evidencia o alerta que inserimos no início destas reflexões, que diz respeito ao cuidado que temos que ter ao lidar com culturas diferentes e, portanto, com os termos que se fundamentam em suas respectivas culturas. Nesse sentido, mesmo dentro de uma mesma cultura não se tem um padrão de entendimento de conceitos e, por esta razão temos cuidado ao tratar destas correntes tão diferentes, assumindo que estas reflexões são o resultado de estudos realizados sob bases científicas, mas nem por isto constituem-se de posições dogmáticas, sectárias e estanques. Passemos à breve caracterização do Confucionismo.

2.2. Confucionismo

Considerando que Confúcio pouco falou em Deus, muitos encaram o confucionismo apenas como “filosofia” e não como uma religião. Por certo, trata-se de uma das doutrinas do pensamento chinês que teve grande influência quanto às questões morais. Segundo Granet (1997, p.288) “Os chineses reconheceram em Confúcio ‘Mestre para dez mil gerações’, mas somente depois de fazer dele o patrono da moral conformista”. O que ele disse e fez, demonstrou que era religioso essencialmente, apesar de sua ênfase estar repousada na conduta do homem, na moral e na educação. Pode-se ver isso em dois aspectos. Primeiro, ele tinha temor reverente a um supremo poder espiritual cósmico, que os chineses chamam de *Tien*, ou Céu, que ele considerava como a fonte de toda a virtude e bondade moral e cuja vontade dirige todas as coisas. Segundo, ele dava grande ênfase à meticulosa observância de ritos e cerimônias relacionadas com a adoração do céu e dos espíritos dos ancestrais falecidos.

Embora Confúcio jamais sustentasse tais conceitos como forma de religião, para gerações de chineses eles se tornaram o que a religião realmente significa. Confúcio deixou a família e assumiu a ocupação de mestre itinerante. Ele ensinava música, poesia, literatura,

educação cívica, ética, ciência. Tornou-se muito conhecido, pois, chegou a ter numa ocasião nada menos de três mil alunos (GRANET, 1997).

Granet (1997) afirma que, no que diz respeito aos princípios da doutrina moral e ética, a doutrina de Confúcio se norteava pelo constante aprimoramento pessoal e na necessidade de amar a todos os seres como a si mesmo. Isso determina a busca do entendimento interior, a ética pessoal e sinaliza para a necessidade de se relacionar com os outros de forma igualitária e construtiva para que se possam viver pacífica e cooperativamente.

De forma geral, a ética é a base para as formulações de relações humanas na busca da harmonia e deve ser buscada em princípio dentro do próprio ser para que depois possa se externalizar e gerar equilíbrio em todas as relações do homem. A verdadeira ética é a busca dela em nosso interior, só desta forma as outras desabroçam. Como se pode notar, mesmo considerando as diferenças culturais, a proposição ética de Confúcio se aproxima muito da de Heráclito, no sentido da busca de si mesmo, na dimensão da ética aristocrática. Esta aproximação parecer ser possível sem reservas, dado que tanto um como outro propuseram o enfrentamento do eu como condição para a construção da vida ética. Vejamos a breve caracterização do Budismo.

2.3. Budismo

De acordo com Dalai Lama (2001) *Sidarta Gautama*, que viveu no norte da Índia durante o VI século a.C., foi o fundador histórico do budismo. Em um dia de lua cheia, no mês de maio, do ano de 623 a.C., ele nasceu. Oriundo da realeza, com o passar do tempo, começou gradativamente a inquietar-se com a verdade além dos portões do palácio. Ao ver um velho, um enfermo e um cadáver, quando saiu do palácio para um passeio ao reino, percebeu que todos, sem exceção, estavam sujeitos ao nascimento, à doença e à morte. Foi então que ele decidiu descobrir uma solução para esse conflito.

Assim, renunciando a seus bens, a estabilidade e aos prazeres que um príncipe tinha direito, deixou o clã, cortou o cabelo, vestiu-se com a simplicidade de um *asceta*, e saiu a peregrinar objetivando encontrar as respostas, a verdade sobre a vida. Passou seis anos

buscando a resposta entre mestres e gurus hindus, mas sem êxito. Dedicou-se à meditação, jejum, *yoga* e extremo desprendimento, com efeito, não encontrou nenhuma paz ou iluminação espiritual. Por fim, ele veio a perceber que o seu método de desprendimento extremo era tão inútil como a vida farta que levava antes.

Ele adotou então o que chamou de “caminho do meio”, evitando os extremos dos estilos de vida que seguira antes. Decidindo que a resposta devia ser encontrada na sua própria percepção, ele sentou-se para meditar debaixo de uma figueira até encontrar a iluminação. Por esse processo, na terminologia budista, *Gautama* tornou-se o Buda, o Desperto, ou Iluminado. Ele atingira o derradeiro alvo de sua busca, o *Nirvana*, o estado de paz e iluminação perfeita, liberto do desejo e do sofrimento. Tornou-se também conhecido com *Shakyamuni* - o sábio da tribo *sáquia*.

O budismo se norteia por duas perspectivas importantes, que são as quatro nobres verdades e o *karma*. As quatro nobres verdades são a verdade do sofrimento, a verdade da origem do sofrimento, a verdade da cessação do sofrimento e a verdade do caminho que leva a cessação do sofrimento. O *karma* é a lei de causa e efeito que estabelece que para cada ação existe uma reação nem sempre de igual intensidade. Na grande maioria dos casos, a reação se estabelece como as ondas que são formadas ao se lançar uma pedra em um lago de águas calmas, elas se dirigem para todas as direções não sendo possível determinar onde irão parar. Dessa forma, tudo o que acontece conosco é o resultado direto de atos que cometemos no passado e o nosso futuro será determinado por atos que cometemos no presente.

Segundo Dalai Lama (2001), podemos adquirir *karma* por meio das dez ações não virtuosas que são categorizadas em ações do corpo, da fala e da mente. As ações não virtuosas do corpo são matar, roubar e ter conduta sexual indevida. As da fala são mentir, promover a discórdia, a aspereza e falar em vão. As da mente são definidas como a cobiça, a má intenção e a visão errônea. Essas condutas levam o ser humano e seu próximo ao sofrimento e ao desequilíbrio em suas mais variadas dimensões. Deste modo, a ação de não cometer tais condutas levam o homem a um estado de equilíbrio interno e social que permitem o bom convívio e cria condições para a realização da felicidade. A ética marcial

sugere este perfil. Vejamos agora a contribuição de *Sun Tzu* para a nossa compreensão de mais elementos da ética marcial.

2.4. A contribuição de *Sun Tzu*

Apesar de o taoísmo, o confucionismo e o budismo serem o tripé do pensamento ético marcial chinês, não se deve deixar de lado as contribuições de *Sun Tzu* ao desenvolvimento de um pensamento social das artes marciais. *Sun Tzu* era um general chinês que viveu no século IV a.C. e foi um dos mais respeitados estrategistas do seu tempo, tendo influenciado diversos líderes durante séculos e é ainda a fonte de estudo em diversas áreas do conhecimento contemporâneo.

Para *Sun Tzu* (2005), os conceitos e princípios que norteiam as artes marciais são fundamentados nas características naturais do ser humano e suas relações sociais e com a natureza. Para observar alguns desses conceitos deve-se destacar *Sun Tzu* (2005, p.3) quando apresenta os cinco fatores importantes para o grande estrategista: “A arte da guerra é governada por cinco fatores constantes, que devem ser levados em conta. São eles, a Lei Moral, o Céu, a Terra, o Chefe, o Método e a Disciplina”.

Neste trecho, *Sun Tzu* (2005) evidencia as características a serem observadas nas artes marciais, que se estabelecem antes mesmo de existir o confronto, levando a luta a um conceito muito mais amplo, nas dimensões social, política e cultural, onde toda a sociedade está envolvida e comprometida.

A moral leva a sociedade a trabalhar na mesma direção e a conviver harmonicamente em benefício do bem comum. Para *Sun Tzu*, a moral leva o povo a permanecer de acordo com seu governante, levando-o a segui-lo em qualquer direção que ele determine. O céu e a terra demonstram a importância do conhecimento sobre a natureza, sobre o ambiente circundante e como a integração com ele é necessária para se realizar as coisas da humanidade com sucesso.

O Chefe, para *Sun Tzu*, é simplesmente a representação e a efetivação das virtudes sociais, o exemplo a ser seguido, pois aquele que deseja um determinado comportamento

dos outros em primeiro lugar deve realizar estes comportamentos em si mesmo. O Chefe é aquele que mais trabalha para o bem estar dos outros.

O método e a disciplina, apresentados por *Sun Tzu*, representam a organização da vida, a distribuição de tarefas por competência, a administração de recursos, enfim, é a responsabilidade com as coisas materiais.

Entre os conceitos que compõem as artes marciais apresentados por *Sun Tzu*, a moral engloba a socialização, a eliminação da discriminação, a construção do respeito pelo próximo, a dignidade, a solidariedade e o conhecimento cultural. O céu e a terra representam a consciência ecológica, as diferenças regionais e os limites do corpo humano. O Chefe é aquele que conduz o processo, o mediador, o professor responsável pela orientação dos seus alunos demonstrando a direção certa a ser seguida e sendo o exemplo do que buscar. O método e a disciplina são a filosofia que deve ser seguida para a realização de tarefas individuais e coletivas. Ora, a ética marcial a partir da contribuição de *Sun Tzu*, portanto, sinaliza para a conduta reta do performer. A questão da conduta equilibrada será retomada por ocasião da aproximação *ethos* e *wude*, aliás, passamos agora à exposição específica do termo *wude* (武德).

3. O termo *wude* - 武德

O pensamento de *Lao Tzu*, Confúcio, *Shakyamuni* e *Sun Tzu*, além de atravessar os séculos até o nosso momento histórico, influenciando diversas gerações de chineses, se constituiu como os alicerces da conduta marcial das escolas tradicionais de *wushu*, literalmente arte marcial, que tiveram origem na China, e hoje, espalham-se por diversos países do oriente ao ocidente.

O *wude* ou ética marcial é a síntese do pensamento chinês aplicado às artes marciais, uma espécie de ‘código de conduta’, no entanto, este código pode ser aplicado a qualquer pessoa, mesmo que não seja adepto das artes marciais. O *wude* se estruturou pela composição de duas dimensões, a social e a mental. Ambas estão intimamente ligadas no que tange a sua importância para o homem, apesar de descritas separadamente. Entretanto,

esta separação não deve ser entendida como a possibilidade de dissociação ou contraste, mas deve ser observada pelo praticante permeando todos os momentos de sua vida. A dimensão social é descrita como a ética da conduta ou *Biaoxian* (表现) e pode ser entendida como a manifestação externa da ética do indivíduo ou ainda, como a característica *Yang* do *wude*. A dimensão mental é definida como sendo a ética da mente ou *Jingshen* (精神) ou ainda a essência da mente, que está ligada ao aspecto interno do indivíduo, pode ser entendida como o caráter *Yin* do *wude*. Como *Yin* e *Yang*⁸ possuem características opostas, porém complementares e interdependentes, eles não se excluem simultaneamente, mas sim sustentam a existência um do outro. Essa relação de interdependência está no cerne do pensamento filosófico chinês que estrutura o *wude*.

Biaoxian (表现), a ética da conduta, é composta por cinco elementos, a saber: *Qianxu* (谦虚) que é a humildade ou a modéstia; *Zunjing* (尊敬) o respeito; *Zhengyi* (正义) a retidão e a justiça; *Xin* (信) a verdade ou ter credibilidade; e *Zhong* (忠) a lealdade. Cada um destes elementos deve nortear a conduta do indivíduo em sociedade, frente a seus pais, aos familiares, aos parentes, aos amigos e assim por diante. Esses elementos devem estar presentes em todas as ações do homem para que ele se torne virtuoso e que suas ações frutifiquem para o bem comum. *Li* e *Du* (1991) destacam a modéstia e o espírito de cooperação como um aspecto indispensável na conduta de um praticante de artes marciais. Apesar de ser uma recomendação para o artista marcial, ela é apontada como uma característica necessária para o bom convívio em sociedade, seja um praticante ou não.

⁸ Yin Yang são conceitos centrais do pensamento chinês, mais especificamente do taoísmo. O paralelo que encontramos no pensamento ocidental é a oposição bem e mal, tratada por Friedrich Nietzsche em *Zur Genealogie der Moral* e em outros escritos. Este filósofo assinala que as forças do bem e do mal estão na natureza e se expressam pelo que ele nomeia vontade de potência (*Der Wille zur Macht*). Não se trata de compreender uma força sem a outra, mas exatamente uma se faz presente na outra. Neste sentido, não há yin sem yang, da mesma forma que não há bem sem o mal. Para o desenvolvimento desta questão de Nietzsche, recomendamos a obra de Rogério Miranda de Almeida: *Eros e Tânatos: a vida, a morte e o desejo*, publicada pela Loyola.

Jingshen (精神) ética da mente se estrutura por quatro elementos, que são: *Yizhi* (意志) a vontade, a intenção e convicção ou determinação; *Rennai* (忍耐) a paciência e a resistência; *Hengxin* (恒心) a perseverança; e *Yong* (勇) a coragem. Esses quatro elementos constitutivos da ética mental são o fator transformador do comportamento externo. É dito que a transformação deve antes de tudo ser realizada internamente para que depois se manifeste externamente. Dessa forma, desenvolver a ética da mente se faz necessário prioritariamente para sustentar uma verdadeira ética da conduta. *Li e Du* (1991) apontam o autocontrole como uma das virtudes a serem desenvolvidas pela ética marcial, e que esse controle das próprias ações é parte inerente ao desenvolvimento mental. Os chineses indicam a prática da meditação e da contemplação como métodos indispensáveis para o desenvolvimento do *wude*. Então, a partir destes elementos de fundamentação da ética marcial, passamos à aproximação dos termos *ethos* e *wude*.

4 – Aproximação do *ethos* e *wude* (武德)

Como pudemos notar ao longo de nossas reflexões, os termos *ethos* e *wude* aproximam-se, seja por meio da necessária dimensão de desenvolvimento individual, seja por meio da necessidade de tomada de consciência no mundo. Esta aproximação responde à nossa pergunta inicial, qual seja, em que consiste a fundamentação da ética marcial? A ética marcial consiste nos termos *ethos* e *wude*, isto é, a partir da conduta equilibrada do homem, e isto se faz tanto na tradição chinesa como na filosofia ocidental, é possível dizer que o que fundamenta esta conduta são os termos *ethos* e *wude*. A conquista do *ethos* e do *wude* diz respeito à educação de si mesmo, dado que é o sujeito o protagonista da prática da arte marcial e é ele, o educador de si mesmo. No contexto da arte marcial, é o sujeito que se educa, na medida em que a predisposição para a prática de arte marcial parte do desejo do praticante. Se o *ethos* diz respeito à morada que orienta a vida do homem, igualmente *wude* aponta para a conduta do sujeito e, de uma ou outra forma, a dimensão aristocrática se apresenta. Nesse sentido, argumentamos que, em que pese o fato de tratarmos de culturas

diferentes, a chinesa e a grega, parece haver um elemento universal quanto à ética. Este elemento universal diz respeito à necessidade do homem tomar consciência de seu papel no mundo. Tanto a ética ocidental, pensada a partir do logos Heráclito, como a ética marcial, estruturada no pensamento chinês, sinalizam que o eixo da melhor vivência no mundo não encontra-se fora do homem, mas nele mesmo. Assim, mesmo que tenhamos observado a ênfase de Confúcio quanto à dimensão social, há antes, precisa orientação quanto à vida individual e virtuosa e porque não dizer, aristocrática.

Ora, como pensar a fundamentação da ética marcial a partir da aproximação dos termos *wude* e *ethos*? A prática da arte marcial chinesa, de forma séria e orientada por um professor que busque o caminho das virtudes, em primeiro lugar, certamente poderá oferecer ocasião para estruturar a vida marcial e, por conseguinte, a ética marcial. Neste contexto, não estamos falando de ética marcial como regramento da vida do praticante de arte marcial, embora este seja também um papel da ética marcial. Antes, devemos meditar sobre os pressupostos e balizas dos termos *ethos* e *wude* na vida marcial, como orientação de conduta, que não se esgota no ambiente de prática de arte marcial, mas que transcende a este espaço tendo consequências nas diversas manifestações da vida social. A prática marcial possibilita essa extrapolação para o ambiente social mais amplo. Para *Wu, Li e Yu* (1992) a prática das artes marciais possibilita o desenvolvimento da boa conduta moral, dos bons modos e da temperança. Essas características se constituem como elementos ensinados e praticados a partir de *wude*, com fins de utilização para a vida em sociedade.

Em última instância, se Heráclito buscou-se a si mesmo, o que deve fazer um praticante de arte marcial senão o mesmo que o fez o filósofo obscuro? Se o *Tao* indica o caminho da própria natureza, porque o praticante de arte marcial não deve perceber este fluxo e viver o seu caminho, isto é, o *Tao*? Se, por outro lado, Confúcio sinaliza para a necessidade de tomada de consciência no mundo, porque o praticante não estabelece como meta o autoconhecimento antes mesmo do conhecimento da própria arte marcial? Em última instância, se *Sun Tzu* ensina a disciplina como elemento chave do praticante de arte marcial, como não seguir as orientações do tutor, seja ele um instrutor ou um colega de treinamento mais experiente?

Estas questões nos mostram como o pensamento ocidental se aproxima do chinês, em se tratando da ética marcial, pois, o que está em jogo é a superação do sujeito em relação às suas fraquezas e isto aprendemos tanto com os filósofos do ocidente como com os pensadores chineses. A realização da perspectiva aristocrática se estabelece na relação apresentada por Dukes (1994) com a afirmação de que a prática das artes marciais é um meio para o autoconhecimento, de que a mente é o caminho para a realização do corpo e que o Corpo é o meio para o conhecimento da mente. Mais do que isto, a fundamentação da ética marcial tem caráter aristocrático, na medida em que o que está em jogo, efetivamente, é a necessidade de autossuperação do indivíduo em sociedade. Como ressaltam Wu, Li e Yu (1992), Li e Du (1991) e Yu (1991) este processo de superação das próprias fraquezas frente ao *self* e a sociedade inicia-se com mecanismos promovidos pelo sujeito internamente.

Considerações finais

O texto perseguiu a tarefa de relacionar o *ethos* e *wude*, no sentido de encontrar semelhanças e divergências na relação possível entre a filosofia ocidental e o pensamento chinês, aplicando-os às artes marciais. Como pano de fundo, a aproximação dos termos *ethos* e *wude* indicou a educação de si mesmo. Relacionar Heráclito com pensadores como Lao Tzu, Confúcio, Shakyamuni e Sun Tzu permitiu-nos observar tais tangências e afastamentos entre os dois mundos, não no sentido de se estabelecer dicotomias entre o ocidente e o oriente, mas na busca de um ‘*Tao*’ que englobe ambos. Não se buscou a contraposição entre eles, tendência que o pensamento cartesiano nos impõe por força do hábito, mas sim a interlocução entre esses dois extremos, que não aparecem aqui como tão extremos assim.

Percebe-se que a busca do aprimoramento interior é uma tônica nas duas perspectivas. E que elas demonstram qual caminho a seguir para essa busca da excelência interior. Olhar para si e identificar as fraquezas e reconhecer as imperfeições é ponto fundamental para o desenvolvimento de um processo que deve ser realizado constantemente se constitui como caminho a ser seguido em primeira instância. Eis a tarefa da educação de si mesmo. A prática das artes marciais possibilita o vislumbre desse

caminho antes mesmo das técnicas serem treinadas, ou ainda, a prática das técnicas pode ser um caminho para se enxergar o interior do praticante, o autoconhecimento realizável. É nisso que *ethos* e *wude* se manifestam em sua possibilidade de aproximação.

A observância dessa ética interna, dessa aristocracia do *self*, permite que o indivíduo realize o homem social, aquele que realiza coisas pela sua sociedade e para si mesmo dentro dela, buscando inequivocamente o bem comum. Perseguindo a harmonia entre o homem e todas as coisas ao seu redor, tendo em perspectiva que as imperfeições, dele e dos demais, é inexorável e que o processo do aprimoramento é a conduta ética inerente a uma sociedade sadia e igualitária. A aristocracia de *wude* se manifesta no *ethos* da conduta interna e externa. Dessa forma, o homem é pleno em suas ações internas e sociais na construção de uma sociedade harmônica no *Tao*.

Por derradeiro, observamos que a fundamentação da ética marcial aponta para a realização do homem social de forma harmônica com o seu meio. Além disto, essa visão constrói a possibilidade do entendimento de um homem integral edificado pela prática das artes marciais na perspectiva de uma ética interna, fundamentada no *ethos* e no *wude*. A educação de si mesmo diz respeito, portanto, a uma concepção de educação e não a um modelo educacional a ser implementado por políticas públicas.

Referências

ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tântatos: a vida, a morte e o desejo*. São Paulo: Loyola, 2007.

ANTUNES, Marcelo Moreira; MOURA, Diego Luz. A identificação dos estilos de ensino dos professores de artes marciais chinesas (wushu) no Brasil. *Pensar a Prática*. Goiânia, v. 13, n. 3, p. 118, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/9101/8396>, acesso em 27 de janeiro de 2010.

BORNHEIM, Gerd A. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1997.

BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia. *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: UNESP, 2009.

CHOW, D.; SPANGLER, R. *Kungfu: History, philosophy and technique*. 2ed. Burbank, USA: Unique Publications, 1982.

DALAI LAMA. *O Mundo do Budismo Tibetano: uma visão geral de sua filosofia e prática*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DESCARTES, René. *Discours de la Méthode*. Paris: PUF, 1987.

DUKES, Terence. *The Bodhisattva warriors: the origin, philosophy, history and symbolism of Buddhist martial art within India and China*. York Beach, Maine: Samuel Weiser, 1994.

FLORENTINO NETO, Antonio. Algumas questões sobre as interpretações ocidentais do pensamento oriental. In LOPARIC, Zeljko. *A escola de Kyoto e o perigo da técnica*. São Paulo: DWW, 2009.

GRANET, Marcel. *O pensamento chinês*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

KANT, I. *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?* Disponível em <http://www.prometheusonline.de/heureka/philosophie/klassiker/kant/aufklaerung.htm>. Acesso em 21/01/2011.

_____. *Kritik der reinen Vernunft*. Frankfurt: Suhrkamp, 1954.

LI, Tianji; DU, Xilian. *A Guide to Chinese Martial Arts*. Beijing: Foreign Languages Press, 1991.

MENDONÇA, Samuel. Ética Aristocrática em Heráclito. *Revista Brasileira de Filosofia*. São Paulo, v. LII, n. 211, 2003.

_____. Massificação humana e a educação aristocrática em Nietzsche. *ETD – Educ. Tem. Dig.*, Campinas, v.13, n.1, p.17-26, jul./dez. 2011 – ISSN 1676-2592.

NIETZSCHE, Friedrich. *Zur Genealogie der Moral*. Berlin: Goldmann, 1999.

SUN TZU. *Art of war*. Special edition. El Paso, Texas: El Paso Norte Press, 2005.

WU, Bin; LI Xing Dong; YU, Gong Bao. *Essentials of Chinese Wushu*. 3. ed. Beijing: Foreign Languages Press, 1992.

YU, Gong Bao. *Wushu exercise for life enhancement*. Beijing: Foreign Languages Press, 1991.